



ENTRE DUNAS E O MAR, UM LUGAR DE MEMÓRIA PARA REPOUSAR: DA ANCESTRALIDADE ARQUEOLÓGICA À HISTÓRIA VIVA DO CEMITÉRIO DO MORRO BRANCO EM BARRA GRANDE – PI

BETWEEN THE DUNES AND THE SEA, A PLACE OF MEMORY FOR REST: OF ARCHAEOLOGICAL ANCESTRY FOR THE LIVING STORY OF CEMETERY OF MORRO BRANCO IN BARRA GRANDE - PI

Filipe Ribeiro Cardoso Porto*

Mestrando em Antropologia e Arqueologia/Universidade Federal do Piauí

E-mail: filiperporto@gmail.com

Teresina, Piauí, Brasil

Jacionira Coêlho Silva

Pós-Doutora em História/Universidade Federal do Pernambuco

Professora Adjunta da Universidade Federal do Piauí

E-mail: jaconira@hotmail.com

Teresina, Piauí, Brasil

Helane Karoline Tavares Gomes

Mestranda em Antropologia e Arqueologia/Universidade Federal do Piauí

E-mail: helane_karolynne@hotmail.com

Teresina, Piauí, Brasil

Francysco Renato Antunes Lopes

Mestrando em Geografia/Universidade Federal do Piauí

E-mail: ren.antunez@gmail.com

Teresina, Piauí, Brasil

*Endereço: Filipe Ribeiro Cardoso Porto
Quadra 22 Casa 12 Renascença III, Teresina/PI, 64.084-010

Editora: Dra. Marlene Araújo de Carvalho

Artigo recebido em 15/11/2012. Última versão recebida em 12/12/2012. Aprovado em 13/12/2012.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

RESUMO

Este artigo tem por finalidade relatar o cemitério Morro Branco como lugar de memória viva para a identidade da população do povoado de Barra Grande, localizado no município de Cajueiro da Praia, Piauí. As relações sociais que cercam e povoam a mente da população local revelam interessantes modos de ocupação e significação do espaço do cemitério, o qual é elemento patrimonial marcante na paisagem e identidade coletiva da população local. A metodologia utilizada consiste em entrevistas semiestruturadas, seguidas de registro fotográfico.

Palavras-chave: arqueologia. ancestralidade arqueológica. cemitério.

ABSTRACT

This article aims to describe the cemetery as a place of Morro Branco living memory for the identity of the population of the village of Barra Grande, located in the municipality of Cajueiro da Praia, Piauí. The social relations that surround and inhabit the mind of the local population reveal interesting modes of occupation of space and significance of the cemetery, which is remarkable heritage element in the landscape and collective identity. The methodology consists of semi-structured interviews, followed by photographic record.

Keywords: archeology. archaeological ancestry. cemetery.

INTRODUÇÃO

A morte é um evento biológico por excelência que marca o término das funções orgânicas de um ser vivo, o preciso limite de Hayflick e a falência cromossômica de reprodução após períodos de mitose celular. Segundo Cisneiros (2004), a morte representa a desintegração e dispersão do indivíduo, momento em que o último torna-se um antepassado. As práticas funerárias, por sua vez, expressam um comportamento social e ideológico. Seguramente é também um evento antropológico e arqueológico, por estar representado em meio à materialidade dos artefatos, a atenção voltada pelos grupos humanos com o intuito de assegurar o respeito e a garantia de uma boa passagem rumo ao além-morte para os seus entes queridos.

Para uma compreensão do fenômeno da morte, é preciso ir além da contemporaneidade, recuando ao passado humano, com o auxílio tanto das fontes históricas tradicionais e arqueológicas, quanto da memória e história oral, através das lendas e mitos, aliados a fundamentações antropológicas, que apesar de suas divergências testemunham a pluralidade das relações sociais humanas no que tange ao encerramento da vida. Os locais de sepultamentos possuem sua gênese recuada no pleistoceno, quando os Neandertais representaram os primeiros hominídeos a desenvolver a noção de transcendentalidade, preparando os corpos para enterramentos, os quais estão atrelados a lugares distintos na paisagem, como grutas ou penhascos, espaços com beleza cênica ou proteção contra intempéries. A morte está intrinsecamente relacionada à cultura material em sua simbologia. Desde os ditos “simples” colares indígenas aos magníficos tesouros de faraós e reis.

Regra geral, todos os mortos levam consigo para a eternidade elementos materiais relacionados à sua vida terrena, tais como objetos que identifiquem sua estirpe, grau de afetividade, hierarquia relacionada a seu grupo ou aspectos pessoais. Tal ato antropológico faz-se presente em todas as culturas humanas atuais, ainda que com variações de tratamento dos corpos, como regra geral, têm-se esses espaços destinados aos mortos lugares estes cheios de significados e significantes para as populações que com eles se relacionam. A arqueologia da paisagem desempenha papel fundamental para uma melhor compreensão destes lugares. Segundo esse ramo da arqueologia, as atividades que têm lugar e relação com o espaço organizam-se de forma coerente com a representação ideal de mundo do grupo que as realiza (BOADO, 1994).

Como citado, desde a pré- história, segundo Fagundes (2010), o homem escolhe lugares para seus mortos, lugares tais cercados de elementos paisagísticos como formas de relevo peculiares, a visibilidade dos transeuntes dos arredores destes espaços, acontecimentos importantes para a população, de modo que o lugar de sepultamento esteja imbuído de significado simbólico, não possuindo um caráter puramente prático, pois os mesmos ressignificam intensamente a dinâmica do espaço social dos arredores. Ao focarmos nossa atenção aos aspectos espaciais, a arqueologia da paisagem ratifica o modo de uso e ocupação humana destes lugares dos mortos, a história da ocupação, que junto a fontes históricas e etnográficas, agregam precisão para os estudos dos fatos.

DOS ANTIGOS AO PRESENTE: A ORIGEM DOS CEMITÉRIOS

Como abordado anteriormente, o cemitério é um lugar que possui valor marcante na paisagem. Um espaço de visibilidade notória e permeado por significações, tanto para as pessoas que convivem com ele, quanto para os que o veem. Relatos históricos apontam para a antiguidade clássica como o período em que os cemitérios passaram a compor valor paisagístico incluso na dinâmica social. Conforme Mumford (1998), tornaram-se comuns os enterramentos na beira de estradas, onde os viajantes eram impactados pelas sepulturas no caminho, indicando assim, uma cidade nas proximidades.

Como assinala Schmitt (1999), no Oriente Médio, tal como no ocidente, era comum os cemitérios terem proximidade com estradas, sobre morros e lugares de fácil visualização, ou ainda serem escavados intencionalmente sobre as rochas. Nas Américas, durante o período pré-colombiano, cemitérios de grandes civilizações como a Zapoteca e posteriormente a Asteca, tal como as do Monte Alban, revelam a importância do ato da morte e do sepultamento. No Brasil pré-contato, frequentemente se construíam elevações artificiais na paisagem, por meio do acúmulo de conchas ou restos, aliados à deposição de sedimentos. Morros com imponência como os sambaquis eram lugares de sepultamento e também de vida de grupos humanos pretéritos.

Outro aspecto relacionado aos sepultamentos, bem como aos antigos cemitérios indígenas no Brasil, refere-se à presença de registros rupestres exemplificados pelas pinturas ou gravuras rupestres em abrigos sobre rochas ou outras formações geológicas marcantes, que podem ser considerados, em determinados casos, indicadores de enterramentos sob o solo sedimentado logo abaixo dessas manifestações. Com o início da era cristã na Europa e a

ascensão islâmica no Oriente Médio, os valores da morte e da convivência espacial se diferenciaram no decorrer do tempo. Tolsa (1986) lembra que apesar de todas as culturas simbolizarem a morte e a importância de um lugar ritual de sepultamento, nem todas as religiões viam o cemitério como lugar destinado a meditação. Os Judeus antigos viam necessidade ritual apenas no ato de velar, compreendendo o cemitério enquanto um local odioso. Conforme Tolsa (1986), esse espaço carrega o *Há sheol*, um limbo de contaminação onde não se devia manifestar nenhum ato de honra aos mortos, comportamento comum em diversas culturas.

O advento do cristianismo viu no cemitério um lugar de extensão da morada de Deus, onde as igrejas tornaram-se responsáveis pela guarda dos mortos, um lugar sagrado, cercado, purificado da visão judaica que defende o cemitério apenas como um lugar de impureza e contaminação. Muros surgiram como justificativa para uma separação entre o espaço sagrado do espaço profano. A partir desse momento, o cemitério passa a constituir um lugar onde todos permanecem iguais perante a presença do deus cristão, conforme Araújo (2008).

Entretanto, o profano também se apropriou do sacro. Durante a idade média, o cemitério passou a um ser espaço de recreação, de convivência e lazer, devido à beleza cênica dos jardins. O lugar dos mortos tornou-se ambiente de convivência social tal como praças. Segundo Farguette-Vissière:

De dia ou de noite, era neles que a população das maiores cidades européias buscava se divertir, quando não fixar residência provisória ou definitiva. Além disso, as necrópoles eram também um espaço de cidadania, pois lá sempre estavam juízes a comunicar sentenças, e o equivalente aos prefeitos de hoje a dar publicidades a suas ações. Esses locais funcionavam ainda como cartórios a céu aberto. Não que as condições ajudassem, pois já havia acúmulo de corpos e problemas de higiene e limpeza. Mas, de fato, os cemitérios atraíam. Eram um componente da urbanidade de então, construída através dos séculos e com origens bastantes remotas. (FARGUETTE-VISSIERE; 2009).

Devido a questões sanitárias, a Igreja Católica proibiu o uso social dos cemitérios, salvo as celebrações fúnebres e devoções religiosas. Contudo, estes espaços continuaram sendo ambientes de interação em virtude da tradição cultural adquirida de cada povo, lembra Reis (1991). No Brasil colonial, os cemitérios foram fixados próximos às zonas habitadas. Em contrapartida, os sepulcros dos escravos eram constituídos por covas rasas, e, frequentemente, pelas chuvas, afloravam os cadáveres, exalando o odor dos corpos putrefatos, fato considerado normal para a população, que viviam no entorno desses espaços.

Nos séculos XVIII e XIX, o Iluminismo trouxe novas concepções para esses sepulcros, sugerindo a separação do lugar de sepultamentos e moradias. Segundo Faria

(1999), os cemitérios foram fixados agora em ambientes externos e rurais, apesar de ainda serem dotados de um valor cênico considerável para o contexto ambiental de cada região.

Com o século XX e as descobertas científicas sobre agentes contaminantes, os cemitérios passaram a serem construídos afastados dos locais urbanos, apesar de situarem-se próximos as igrejas. Verifica-se a presença de capelas, muitas das quais são ecumênicas, atualmente, onde são realizados os ritos fúnebres. Tal padrão permanece até a contemporaneidade, ratificando os cemitérios como lugares de valor ritual, transcendental, de grande importância histórica para a memória coletiva de uma população.

SOBRE A DUNA EM FRENTE AO MAR: O CEMITÉRIO DO MORRO BRANCO EM BARRA GRANDE E A MEMÓRIA COLETIVA

O cemitério do Morro Branco situa-se sobre uma duna fixa, próximo à linha costeira de maré, sendo atingido diretamente pelo mar durante ressacas marinhas ou outros avanços esporádicos da linha do litoral. Este cemitério possui forte valor na memória da população nativa de Barra Grande, sendo palco do sepultamento de homens e mulheres, de classes sociais diversas, que viveram na comunidade pertencente ao município de Cajueiro da Praia, situado no litoral piauiense. A metodologia utilizada no presente trabalho consiste em entrevistas semiestruturadas, seguidas de registro fotográfico, a fim de investigar a relação entre as origens do cemitério e a ancestralidade indígena.

Fotografia 1 – Cemitério do Morro Branco/PI



Fonte: Porto, 2012.

Fotografia 2 – Cemitério do Morro Branco/PI



Fonte: Porto, 2012.

Segundo o relato dos moradores mais antigos, não é possível verificar essa relação entre as origens do cemitério Morro Branco, embora se verifique a presença de material malacológico e cerâmico no contexto do cemitério, apresentando material arqueológico, encontrado durante retiradas ocasionais de sedimento. É possível que este espaço tenha sido originalmente lugar de ocupação indígena, apesar de serem necessários estudos mais aprofundados que posteriormente tornou-se consagrado pelas práticas cristãs, através da utilização do mesmo como local de sepultamento dos fiéis.

Fotografia 3 - Material malacológico no entorno do cemitério Morro Branco



Fonte: Porto, 2012.

Da memória indígena relacionada ao cemitério pela população, está o nome da rua que conduz ao cemitério, a Rua dos Tremembés, povo indígena que historicamente habitou o litoral piauiense durante o contato com os europeus. Segundo a tradição oral, os enterramentos antigos dos moradores eram realizados em cortejo fúnebre pela rua dos Tremembés, cujo corpo era transportado em uma rede, por dois homens, seguido pelos parentes e amigos, que pela praia tinham acesso à duna fixa onde se localiza o cemitério.

Este cortejo é citado pelos moradores, sob forma de ritual, sendo possível o acesso ao cemitério por uma via que pode ser alcançada, sem o tráfego sobre a praia. Todavia, este percurso está atrelado de valores simbólicos, culturais e peculiares da população de Barra Grande, sobretudo a mais antiga e tradicionalmente moradora da região, que mesmo dispondo de outros meios de acesso, insiste em transitar pela praia a pé, até atingir o pé do morro onde se localiza o cemitério. Pelo formato das sepulturas, é possível perceber que os corpos são depositados com os pés voltados para o mar, onde o corpo repousa deitado no sentido do oceano, ao nordeste. É válido ressaltar que diversos povos não cristãos possuem padrões de sepultamento semelhante, voltados para a zona costeira ou para o nascente e poente.

Fotografia 4 – Disposição dos sepultamentos



Fonte: Porto, 2012.

Muitos moradores relatam que durante anos o cemitério do Morro Branco era o único lugar de enterramento da comunidade e atualmente existe outro cemitério, construído pela prefeitura. Entretanto, apesar da construção desse espaço mais recente, muitos moradores manifestam o desejo de serem sepultados nesse espaço mais antigo onde repousam os corpos de seus pais e familiares, dispostos de frente para o mar.

CONCLUSÃO

O cemitério Morro Branco seguramente pode ser considerado um patrimônio histórico e cultural da população de Barra Grande. Possivelmente pela doutrina de tornar caboclo todos os grupos indígenas, prática de aprisionamento cultural da Igreja Católica, ministrada pela corrente dos Jesuítas, que sobre a jurisdição cearense doutrinou o litoral do Piauí, a herança identitária indígena é negada ferrenhamente, ainda que os biótipos expressem a origem indígena. Quando questionados sobre origem indígena, os mais antigos moradores expressaram sentimentos de negação, e mesmo em alguns casos de revolta, sendo a memória indígena negada, vista como pejorativa, abnegando na sua maioria a existência de ocupações ameríndias na região em um passado recente ou mesmo remoto.

Quanto às origens da população, muitos se dizem descendentes de cearenses, em virtude da proximidade geográfica e, para tais moradores, foram seus ancestrais cearenses os primeiros a serem enterrados no cemitério do Morro Branco. Daí é possível se compreender a forte ligação da população para com o cemitério, pois ele representa um lugar de gênese, de origem, de repouso para seus pais e parentes. O cemitério é motivo de orgulho, pois representa um marco zero para a população de Barra Grande, sendo o ponto de ligação entre presente e passado. Todavia, no caso dos cemitérios, são manifestações espaciais da complexa relação antropológica com a vida e a morte, o lugar sacro ou de convívio social, que apesar das antíteses, confirmam o sentido de memória coletiva, de patrimônio cultural, retrato da história de um povo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. N. de. **Túmulos celebrativos do Rio Grande do Sul: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial.** (1889 – 1930). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

ARIÈS, P. **História da Morte no Ocidente.** Rio de Janeiro. Ediouro. 1ª ed. 2003

BAYARD, J. P. **Sentido Oculto dos Ritos Funerários: morrer é morrer?** São Paulo: Paulus, 1996.

BINFORD, L. R. **Seeing the present and interpreting the past – and keeping things straight.** In: Rossignol, J. & Wandsnider, L. *Space, Time and Archaeological Landscapes*, (pp. 43-59). New York: Plenum, 1992.

BORGES. F.J.: Sob os areais: arqueologia, história e memória. **Dissertação** (Mestrado em História). Teresina, UFPI, 2006.

CRIADO. B. F. (1991). **Construcción social del espacio y reconstrucción arqueológica del paisaje.** Boletín de Antropología Americana, 24, pp.5-29.

CRUZ, M. P. da. Cemitérios. **Dissertação** (Mestrado em Medicina). Porto: Escola Médico-cirúrgica, 1882.

FAGUNDES. M, PIUZANA, D. Estudo teórico sobre o uso conceito de paisagem em pesquisas arqueológicas. **Revista latino-americana de ciências sociais, niños y juventud**, vol. 8, núm.1, enero-junio, 2010, pp. 205-220. Universidad de Manizales, Colombia

FARGETTE-VISSIÈRE, S. Os animados cemitérios medievais. **História Viva.** 67 ed, p. 48-52, maio, 2009.

FARIA, S. de C. **Viver e morrer no Brasil colônia.** São Paulo: Moderna, 1999.

GARNICA, A. V. M. **O escrito e o oral: uma discussão inicial sobre os métodos da História. Ciência & Educação** (Bauru - São Paulo), 1998.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996

MUMFORD, L. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. Trad.: Neil R. da Silva. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REIS, J. J. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROSA, E. T. da. A relações das áreas de cemitérios com o crescimento urbano. **Dissertação** (Mestrado em Geografia). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

SCHMITT, J. C. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. Trad.: Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

TOLSA, J. G. In CORREA, M. Martin, dir., **Historia de las religiones**, 1995, p.140